

LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DE DOIS FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA DOS MUNICÍPIOS DE AMARGOSA E ELÍSIO MEDRADO, BAHIA, BRASIL

MARIA AUXILIADORA DE ANDRADE COSTA^{1,2} & MARIA LENISE SILVA GUEDES¹

¹Universidade Federal da Bahia, Instituto de Biologia, Rua Barão de Geremoabo, s/n, Campus Universitário de Ondina, 40171-970, Salvador, Bahia, Brasil (doramaria00@yahoo.com.br).

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Biomonitoramento, UFBA.

(Levantamento florístico de dois fragmentos de Mata Atlântica dos municípios de Amargosa e Elísio Medrado, Bahia, Brasil) – A Mata Atlântica é composta por diversas formações vegetacionais e ocupa uma área em torno de 600.000 km², o equivalente a cerca de 7% da superfície do Brasil. Estas áreas encontram-se bastante fragmentadas devido à intensificação da pecuária, agricultura, expansão imobiliária etc. O presente estudo tem como objetivo fazer o levantamento florístico da flora fanerogâmica em dois fragmentos de Floresta Estacional Semidecidual Submontana localizados nos municípios de Elísio Medrado (12°56'45"S, 39°31'19"W) e Amargosa (13°1'48" S, 39°36'18" W) no Estado da Bahia, Brasil. O trabalho de campo foi realizado no período de maio/2005 a abril/2006, com visitas trimestrais para coleta de material botânico, que se encontra no acervo do Herbário Alexandre Leal Costa (ALCB). Foram inventariadas 169 espécies, distribuídas em 121 gêneros e 48 famílias. No fragmento 1, as famílias que apresentaram maior riqueza de espécies foram Fabaceae (13 spp.), Sapindaceae (9), Euphorbiaceae (6), Rubiaceae (6) e Solanaceae (6); no fragmento 2, foram as famílias Fabaceae (17 spp.), Myrtaceae (9), Asteraceae (5), Malvaceae (5) e Sapindaceae (5). *Machaerium condensatum* Kuhl. & Hoehne, coletada neste levantamento, é uma espécie com poucas coletas no Estado. O Índice de Sørensen ($S\theta=0,21$) revelou que os fragmentos estudados apresentam baixa similaridade florística, o que pode estar associado às condições edáficas e à pressão antrópica na região.

Palavras-chave: Diversidade, recôncavo baiano, floresta semidecídua.

(Floristic survey of two Atlantic Forest fragments in the municipalities of Amargosa and Elísio Medrado, Bahia State, Brazil) – The Atlantic Forest, composed by diverse forest physiognomies, is placed in an area of about 600,000 km², equivalent to almost 7% of the Brazilian surface. These areas are currently very fragmented due to stockbreeding and agriculture intensification and because of real state expansion, etc. The goal of this study was to build a floristic survey concerning phanerogamic flora in two fragments of the Submontane Seasonal Semideciduous Forest, located in the Elísio Medrado (12°56'45"S, 39°31'19"W) and Amargosa (13°1'48"S, 39°36'18"W) Counties, in Bahia, Brazil. The field work was carried out from May 2005 to April 2006, with quarterly visits to collect the botanic material, which is deposited in the Alexandre Leal Costa Herbarium Collection (ALCB). One hundred sixty nine species were found in the inventories, distributed in 121 genera and 48 families. In fragment 1, the families showing greater species richness were Fabaceae (13 spp.), Sapindaceae (9), Euphorbiaceae (6), Rubiaceae (6) and Solanaceae (6); in fragment 2, the families Fabaceae (17 spp.), Myrtaceae (9), Asteraceae (5), Malvaceae (5) and Sapindaceae (5). *Machaerium condensatum* Kuhl. & Hoehne, collected in this survey, is a species with few samplings in the state of Bahia. The Sørensen index ($S\theta=0.21$) revealed that the studied fragments showed low floristic similarity, which might be associated to edaphic conditions and to anthropic pressure in the region.

Key words: Diversity, recôncavo baiano, semideciduous forest.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a Mata Atlântica está distribuída ao longo da costa Leste, desde o Rio Grande do Sul até o Rio Grande do Norte. Do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo, está sobre serras costeiras litorâneas que são formadas por rochas do complexo cristalino, compondo escarpas que favorecem variações no clima e na constituição e desenvolvimento do solo. Do Espírito Santo até o Rio Grande do Norte, a Mata Atlântica está sobre tabuleiros da formação Barreiras, que raramente atinge 200 m de altitude, enquanto no Sul da Bahia até o Norte do Rio de Janeiro ela ocorre nas escarpas da Serra do Mar (MANTOVANI, 2003).

A Mata Atlântica da costa brasileira é um dos biomas mais ricos em diversidade biológica e mais ameaçado do planeta, sendo considerado um dos cinco mais importantes *hotspots* de biodiversidade (MYERS *et al.*, 2000).

Dentre as Florestas Tropicais do mundo, é também uma das mais ameaçadas de extinção (REIS *et al.*, 1999), restando cerca de 5% a 7% da cobertura original, apresentando-se em fragmentos isolados que, provavelmente, não conseguem sustentar grandes populações de muitas espécies (PRIMACK & RODRIGUES, 2002; GUEDES *et al.*, 2005).

No Sudeste brasileiro este bioma já atingiu um estágio muito avançado de fragmentação, dificultando a preservação e conservação de seus remanescentes florestais (CÂMARA, 1983; FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 2002; TABARELLI *et al.*, 2005; CARVALHO *et al.*, 2006). Segundo a FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA (2002), no Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, esta floresta encontra-se atualmente reduzida a menos de 20% de sua cobertura original, sendo que a maioria dos seus remanescentes está em áreas montanhosas, inadequadas à agropecuária.

No recôncavo Sul da Bahia, a vegetação de Mata Atlântica foi sendo removida desde a expansão do domínio

colonial, primeiramente nas baixadas e áreas planas para agricultura e habitação e, posteriormente, nas áreas de encosta menos íngremes utilizadas para fins agrícolas, em particular no ciclo do café e fumo entre os séculos XVIII e XIX. Desde o início e até meados do século XX, com a exploração de madeira, o plantio de diversas culturas de subsistência e a expansão da pecuária, as partes mais íngremes passaram a ser ocupadas e o que restou da Mata Atlântica encontra-se nos topos e encostas de algumas serras (NEVES, 2005).

Os remanescentes de Mata Atlântica do recôncavo Sul da Bahia vêm sendo estudados em termos florísticos e fitossociológicos por autores como QUEIROZ *et al.* (1996), NEVES (2005), SOBRINHO & QUEIROZ (2005) e VALENTE & PORTO (2006). Contudo, os estudos ainda são incipientes quando comparados à presença de vários remanescentes localizados em propriedades particulares que estão sujeitos a impactos antrópicos sem que tenham sido levantados quaisquer tipos de informações sobre suas comunidades vegetais.

O presente trabalho teve como objetivo realizar o levantamento florístico de dois fragmentos da Floresta Estacional Semidecidual do domínio Mata Atlântica, nos municípios de Elísio Medrado e Amargosa, recôncavo Sul da Bahia, contribuindo para o conhecimento da flora do Estado e subsidiando decisões relacionadas à conservação deste bioma.

METODOLOGIA

Os fragmentos de mata estudados estão situados nos municípios de Elísio Medrado (12°56'45"S, 39°31'19"W) e Amargosa (13°1'48"S, 39°36'18"W), localizados numa altitude aproximada de 400 m e ocupam áreas de 199,54 km² e 435,93 km², respectivamente (SEI, 2001). Os fragmentos são denominados de: "Mata do Pomar" – fragmento 1 (3,7 ha, altitude 287 m) em Elísio Medrado (Fig. 1D) e "Fazenda Acaju" – fragmento 2 (1,0 ha, altitude 357 m) em Amargosa (Fig. 1A). Os solos predominantes são os Latossolo Vermelho-Amarelo Distrófico e Podzólico Vermelho-Amarelo Distrófico, respectivamente. O fragmento 1 apresenta um trecho cultivado no sistema denominado "agro-ecossistema de cacau-cabruca". Ambos os fragmentos são circundados por pastagens.

A vegetação natural da região é Floresta Estacional Semidecidual Submontana que, segundo VELOSO & GOES-FILHO (1982), encontra-se na latitude de 4° Norte até 16° Sul, numa faixa altimétrica que varia de 100 a 600 m. MORELLATO & HADDAD (2000) definiram que a Mata Atlântica é composta por dois tipos de formação vegetacional: a Floresta Ombrófila e a Floresta Semidecidual. OLIVEIRA-FILHO & FONTES (2000) verificaram que os dados de padrão de distribuição e similaridade do componente arbóreo permitem incluir as fisionomias estacionais dentro do Domínio da Floresta Atlântica *sensu lato*, sendo o padrão de diferenciação entre a Floresta Ombrófila e a Floresta Semidecidual atribuído à altitude, temperatura e sazonalidade da precipitação. Por outro

lado, a Floresta Estacional Semidecidual havia sido considerada por LEITÃO-FILHO (1987) como uma vegetação de transição entre a Floresta Ombrófila e o Cerrado.

O clima da região, segundo o sistema de classificação de Köppen, é do tipo *Am*, isto é, tropical subúmido, de transição, quente, com temperatura média anual superior a 18°C, com índices pluviométricos anuais entre 800 e 1.200 mm e curta estação seca (LOMANTO-NETO, 2002). Segundo SEI (2003), a região está inserida no polígono das secas.

O levantamento dos componentes herbáceos, arbustivos e arbóreos dos fragmentos foi realizado por meio de coletas trimestrais durante o período de maio/2005 a abril/2006. As coletas foram realizadas usando-se método de caminhamento e a identificação do material botânico foi efetuada por meio de bibliografia específica e/ou comparação com as coleções existentes no acervo dos herbários ALCB e da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS).

Todo o material herborizado foi incorporado ao acervo do ALCB. Para abreviações dos nomes dos autores de nomes científicos de plantas, seguiu-se BRUMMIT & POWELL (1992); as famílias de plantas são reconhecidas pelo APG II (2003).

Para comparação florística entre os fragmentos estudados foi utilizado os índices de Sørensen (BROWER & ZAR, 1998) e de Jaccard (MUELLER-DOMBOIS & ELLENBERG, 1974).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os fragmentos estudados encontram-se de forma contínua no topo dos dois morros, sobre terreno argiloso, apresentando uma fisionomia de Floresta Estacional Semidecidual e atingindo uma altura média de ca. 8 m. A penetração no interior do fragmento é difícil devido à grande quantidade de trepadeiras e lianas, sugerindo um estágio de sucessão secundária da mata.

Foram registradas, para os dois fragmentos, um total de 169 espécies, distribuídas em 121 gêneros e 48 famílias, sendo 20 espécies comuns. No fragmento 1, foram encontradas 89 espécies distribuídas em 69 gêneros e 33 famílias (Tabela 1). As famílias mais representativas em número de espécies foram: Fabaceae (13 spp.), Sapindaceae (9), Euphorbiaceae (6), Rubiaceae (6), Solanaceae (6), Myrtaceae (5) e Boraginaceae (4), representando 55% das espécies identificadas. No fragmento 2, foram encontradas 100 espécies distribuídas em 79 gêneros e 37 famílias (Tabela 2). As famílias mais representativas em número de espécies foram: Fabaceae (17 spp.), Myrtaceae (9), Sapindaceae (5), Asteraceae (5), Malvaceae (5), seguidas por Bignoniaceae, Euphorbiaceae e Rubiaceae com quatro espécies cada, representando 53% das espécies identificadas.

Nos fragmentos estudados, cerca de 78% das famílias apresentam de uma a três espécies. Esses dados corroboram com os resultados encontrados em outros levantamentos, neste mesmo tipo de fisionomia da Mata

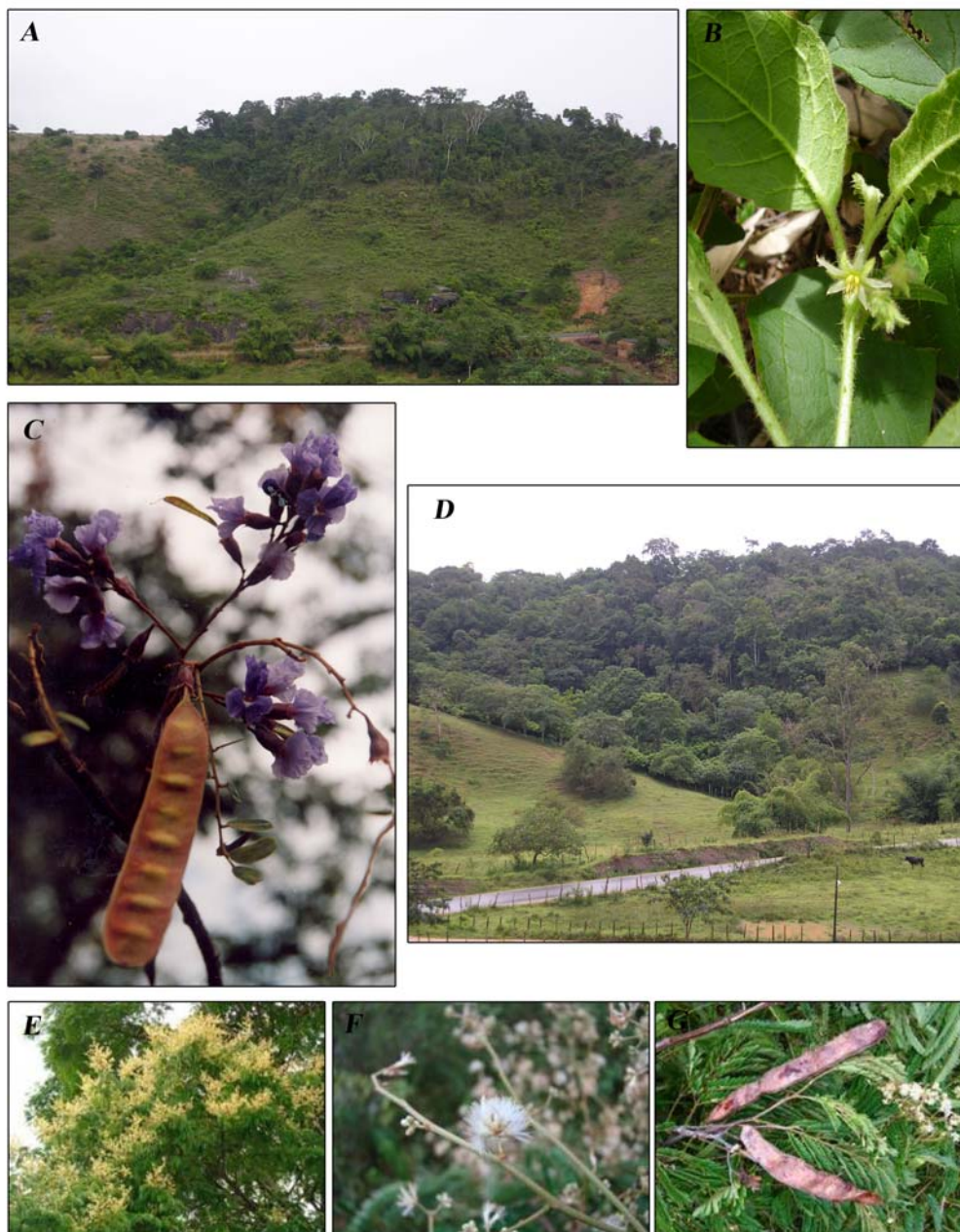


Fig. 1. A. Vista parcial do fragmento 2, Fazenda Acaju; B. *Solanum polytrichum* Moric.; C. *Bowdichia virgilioides* Kunth.; D. Vista parcial do fragmento 1, Mata do Pomar; E. Copa, F. Flor. G. Fruto da espécie *Albizia polycephala* (Benth.) Killip.

Atlântica (GUEDES, 1992; IVANAUSKAS, 1997; WERNECK *et al.*, 2000; JURINITZ & JARENKOW, 2003).

As famílias com maior riqueza de espécies foram Fabaceae, Myrtaceae, Euphorbiaceae, Rubiaceae e Sapindaceae. Essas famílias também são representativas em números de espécies em outras regiões do Brasil, como observado nos levantamentos florísticos das Florestas Estacionais do Estado de Alagoas (GRILLO *et al.*, 2006), Bahia (FUNCH, 1997), Pernambuco (ANDRADE & RODAL, 2004) e São Paulo (IVANAUSKAS *et al.*, 1999; SANTOS & KINOSHITA, 2003) (Tabela 3). Segundo IVANAUSKAS (1997), o fato destas famílias se destacarem em qualquer levantamento florístico

em áreas de Floresta Estacional e/ou Ombrófila do domínio da Mata Atlântica sugere que elas possam ser utilizadas como indicadoras deste domínio.

A família Fabaceae se destaca em número de espécies nos dois fragmentos. Embora possa ser encontrada em diferentes estratos (ANDRADE & RODAL, 2004), neste estudo prevaleceu o hábito arbóreo, como *Bowdichia virgilioides* (fragmento 2, Fig. 1C), característica de formações decíduas e semidecíduas (FUNCH, 1997), e *Goniorrhachis marginata* (fragmento 2) que possui uma distribuição mais restrita em florestas estacionais e caatingas da região Centro-Sul da Bahia e Norte de Minas Gerais

Tabela 1. Lista das espécies coletadas na "Mata do Pomar" (fragmento 1), Elísio Medrado, Bahia.

Famílias	Espécies	Hábito	Nº ALCB
Acanthaceae	<i>Ruellia affinis</i> (Ness) Lindau	Subarbusto	69977
Annonaceae	<i>Annona montana</i> Macfáad.	Árvore	70023
Apocynaceae	<i>Aspidosperma parvifolium</i> A. DC.	Árvore	70042
	<i>Peschiera salzmannii</i> (A. DC.) Miers	Árvore	70039
	<i>Prestonia coalita</i> (Vell.) Woodson	Trepadeira	69893
Araceae	<i>Anthurium bellum</i> Schott	Herbácea	69886
Araliaceae	<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire, Steyerl. & Frodin	Árvore	69948
Asteraceae	<i>Baccharis trinervis</i> (Lam.) Pers.	Subarbusto	69826
	<i>Pterocaulon alopecuroides</i> (Lam.) DC.	Herbácea	69843
	<i>Vernonanthura</i> L.(H) Rhob.	Subarbusto	69872
Boraginaceae	<i>Cordia superba</i> Cham.	Árvore	69896
	<i>Cordia taguayensis</i> Vell.	Árvore	69898
	<i>Cordia trichoclada</i> DC.	Árvore	69891
	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Árvore	69895
Brassicaceae	<i>Capparis flexuosa</i> (L.) L.	Árvore	69993
	<i>Crataeva tapia</i> L.	Árvore	69980
Bromeliaceae	<i>Hohenbergia blanchetii</i> (Barker) & E. Morren ex Mez	Epífita	69974
	<i>Tillandsia globosa</i> Wawra	Epífita	69975
Cyperaceae	<i>Rhynchospora nervosa</i> (Vahl) Boeck.	Erva	70041
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum squamatum</i> Sw.	Árvore	70024
	<i>Erythroxylum subrotundum</i> A. St.-Hil.	Arbusto	70034
Euphorbiaceae	<i>Croton moritibensis</i> Baill.	Subarbusto	69900
	<i>Croton</i> sp.	Árvore	69840
	<i>Dalechampia brasiliensis</i> Lam.	Trepadeira	69889
	<i>Dalechampia</i> cf. <i>ficifolia</i> Lam.	Trepadeira	69903
	<i>Dalechampia peckoltiana</i> Müll. Arg.	Trepadeira	69888
	<i>Julocroton</i> sp.	Subarbusto	70050
Fabaceae	<i>Albizia polycephala</i> (Benth.) Killip	Árvore	70013
	<i>Andira fraxinifolia</i> Benth.	Árvore	69833
	<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F. Macbr.	Árvore	70051
	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Árvore	69836
	<i>Centrolobium microchaete</i> (Mart. ex Benth.) H.C. Lima	Árvore	69939
	<i>Dalbergia foliolosa</i> Benth.	Árvore	69936
	<i>Inga vera</i> Willd. subsp. <i>affinis</i> (DC.) T.D. Penn.	Árvore	70014
	<i>Parapiptadenia</i> sp.	Árvore	70036
	<i>Piptadenia</i> sp.	Árvore	70035
	<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC.	Árvore	69979
	<i>Senna aversiflora</i> (Herbert) H.S. Irwin & Barneby	Subarbusto	69837
<i>Senna macranthera</i> (Collad.) H.S. Irwin & Barneby	Arbusto	70037	
<i>Swartzia apetala</i> Raddi	Árvore	69933	
Gesneriaceae	<i>Codonanthe mattos-silvae</i> Chautems	Herbácea	69887
Lecythidaceae	<i>Holopyxidium latifolium</i> (A.C. Sm.) R. Knuth	Árvore	70002
Malpighiaceae	<i>Byrsonima sericea</i> DC.	Árvore	69924
	<i>Galphimia brasiliensis</i> (L.) A. Juss.	Subarbusto	69829
Malvaceae	<i>Eriotheca pentaphylla</i> (Vell.) A. Robyns	Árvore	70025
	<i>Pachyra aquatica</i> Aubl.	Árvore	70029
Melastomataceae	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	Arbusto	70048
	<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.	Árvore	69845

Tabela 1. Continuação

Famílias	Espécies	Hábito	Nº ALCB	
Meliaceae	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	Árvore	69832	
	<i>Trichilia elegans</i> A. Juss.	Árvore	70019	
Moraceae	<i>Ficus gomelleira</i> Kunth. & C.D. Bouché	Árvore	69995	
Myrtaceae	<i>Calyptranthes lucida</i> Mart. ex DC.	Árvore	69969	
	<i>Eugenia speciosa</i> Cambess.	Árvore	69967	
	<i>Gomidesia</i> sp.	Árvore	69968	
	<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.	Árvore	69960	
Nyctaginaceae	<i>Psidium sartorianum</i> (Berg) Nied.	Árvore	69970	
	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz	Árvore	69949	
Orchidaceae	<i>Oeceoclades maculata</i> (Lindl.) Lindl.	Herbácea	69916	
	<i>Vanilla palmarum</i> Lindl.	Trepadeira	69839	
Oxalidaceae	<i>Oxalis umbraticola</i> A. St.-Hil.	Herbácea	70032	
Passifloraceae	<i>Passiflora setacea</i> DC.	Trepadeira	69894	
Poaceae	<i>Lasiacis ligulata</i> Hitahc. & Chase	Herbácea	70020	
Rubiaceae	<i>Alseis floribunda</i> Schott	Árvore	69904	
	<i>Alibertia</i> sp.	Arbusto	69909	
	<i>Psychotria bahiensis</i> Müll. Arg.	Subarbusto	69913	
	<i>Psychotria chaenotricha</i> DC.	Subarbusto	69912	
	<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	Arbusto	69907	
	<i>Randia</i> sp.	Arbusto	69911	
	Sapindaceae	<i>Allophylus</i> sp.	Árvore	70016
		<i>Allophylus edulis</i> (A. St.-Hil., A. Juss. & Cambess.) Radlk.	Árvore	69930
<i>Allophylus sericeus</i> (Cambess.) Radlk.		Árvore	69841	
<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.		Árvore	69954	
<i>Cupania paniculata</i> Cambess.		Árvore	69830	
<i>Cupania racemosa</i> (Vell.) Radlk.		Árvore	69999	
<i>Paullinia racemosa</i> Wawra		Trepadeira	69835	
Solanaceae	<i>Paullinia revoluta</i> Radlk.	Trepadeira	69834	
	<i>Talisia esculenta</i> (Cambess.) Radlk.	Árvore	70018	
	<i>Cestrum laevigatum</i> Schtdl.	Arbusto	69828	
	<i>Cestrum</i> sp.	Arbusto	69844	
	<i>Schwenckia mollissima</i> Nees & Mart.	Herbácea	69827	
Solanaceae	<i>Solanum cf. subumbellatum</i> Vell.	Arbusto	69838	
	<i>Solanum polytrichum</i> Moric.	Arbusto	69928	
Trigoniaceae	<i>Solanum</i> sp.2	Subarbusto	69944	
	<i>Trigonia nivea</i> Cambess.	Trepadeira	69871	
Ulmaceae	<i>Celtis brasiliensis</i> Gardner	Arbusto	69831	
	<i>Celtis glycyarpa</i> Mart. ex Benth.	Árvore	69842	
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Árvore	70007	
Verbenaceae	<i>Lantana camara</i> L.	Subarbusto	70001	
	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Subarbusto	70000	

(QUEIROZ, 2009; LEWIS, 1987). Algumas espécies coletadas em ambos os fragmentos deste estudo foram referidas por LEWIS (1987) para vários ambientes do Estado da Bahia: *Albizia polycephala* (Figs. 1E, F e G) e *Senna macranthera* para a caatinga, *Andira fraxinifolia* para as matas ciliares e *Inga subnuda* (fragmento 2) para a restinga. Destaca-se ainda *Machaerium condensatum*, coletada no fragmento 2, que foi citada por OLIVEIRA-FILHO (2006) para os Estados de Pernambuco, Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais, sendo

conhecida por poucas coletas. Entretanto, esta espécie não foi citada por QUEIROZ (2009) para a Bahia.

Outra família que se destaca em número de espécies é Myrtaceae. A literatura aponta sua importância ecológica através da riqueza florística, corroborando com os resultados encontrados por MORI *et al.* (1983), PEIXOTO *et al.* (2004) e NEVES (2005). Estes autores sugeriram que esta família é uma das que apresenta maior riqueza específica para o Domínio Atlântico, sendo ainda considerada por MURRAY-

Tabela 2. Lista das espécies coletadas na “Fazenda Acaju” (fragmento 2), Amargosa, Bahia.

Famílias	Espécies	Hábito	Nº ALCB
Acanthaceae	<i>Ruellia affinis</i> (Ness) Lindau	Subarbusto	69976
	<i>Ruellia bahiensis</i> (Nees) Morong	Subarbusto	69978
Anacardiaceae	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Árvore	69848
Annonaceae	<i>Duguetia</i> sp.	Árvore	69996
Apocynaceae	<i>Peschiera salzmannii</i> (A. DC.) Miers	Árvore	70038
	<i>Prestonia coalita</i> (Vell.) Woodson	Trepadeira	69855
	<i>Rauvolfia bahiensis</i> A. DC.	Arbusto	69852
Araceae	<i>Pistia stratiotes</i> L.	Herbácea	69879
Asteraceae	<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Herbácea	69885
	<i>Albertinia brasiliensis</i> Spreng.	Arbusto	69947
	<i>Blanchetia heterotricha</i> DC.	Subarbusto	69882
	<i>Verbesina macrophylla</i> (Cass.) S.F. Blake	Subarbusto	69881
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma</i> sp.1	Trepadeira	70043
	<i>Adenocalymma</i> sp.2	Trepadeira	70009
	<i>Arrabidaea rego</i> (Vell.) DC.	Trepadeira	69847
	<i>Lundia cordata</i> (Vell.) DC.	Trepadeira	70005
Boraginaceae	<i>Cordia taguahyensis</i> Vell.	Árvore	69892
	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Árvore	69884
	<i>Tournefortia rubicunda</i> Salzm. ex DC.	Arbusto	70045
Bromeliaceae	<i>Cryptanthus</i> sp.	Herbácea	69983
Convolvulaceae	<i>Merremia dissecta</i> (Jacq.) Hallier f.	Trepadeira	70015
Dilleniaceae	<i>Davilla rugosa</i> Poir.	Trepadeira	69981
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum</i> sp.1	Arbusto	69859
	<i>Erythroxylum</i> sp.2	Árvore	69865
Euphobiaceae	<i>Bernardia</i> cf. <i>gamboa</i> Müll. Arg.	Subarbusto	70046
	<i>Croton moritibensis</i> Baill.	Subarbusto	69900
	<i>Dalechampia allata</i> Müll. Arg.	Trepadeira	69854
	<i>Tragia volubilis</i> L.	Trepadeira	69890
Fabaceae	<i>Albizia polycephala</i> (Benth.) Killip	Árvore	70012
	<i>Andira fraxinifolia</i> Benth.	Árvore	69941
	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Árvore	69851
	<i>Centrolobium sclerophyllum</i> Lima	Árvore	69866
	<i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton	Árvore	69937
	<i>Dalbergia miscolobium</i> Benth.	Árvore	69938
	<i>Dalbergia</i> sp.	Árvore	69935
	<i>Dioclea grandiflora</i> Mart. ex Benth.	Trepadeira	69863
	<i>Goniorrhachis marginata</i> Taub.	Árvore	69946
	<i>Inga subnuda</i> Salzm. ex Benth.	Árvore	69862
	<i>Inga vera</i> Willd. subsp. <i>affinis</i> (DC.) T.D. Penn.	Árvore	70011
	<i>Machaerium angustifolium</i> Vogel	Árvore	69868
	<i>Machaerium condensatum</i> Kuhl. & Hoehne	Arvoreta	69997
	<i>Machaerium</i> sp.	Árvore	70031
<i>Myrocarpus fastigiatus</i> Allemão	Árvore	69942	
<i>Pseudopiptadenia bahiana</i> G.P. Lewis & M.P. Lima	Árvore	69864	
<i>Senna macranthera</i> (Collad.) H.S. Irwin & Bameby	Arbusto	69945	
Hypericaceae	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	Árvore	69952
Humiriaceae	<i>Sacoglottis matogrossensis</i> Benth.	Árvore	70033
Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	Árvore	70006

Tabela 2 (Continuação)

Famílias	Espécies	Hábito	Nº ALCB
	<i>Holopyxidium</i> cf. <i>latifolium</i> (A.C. Sm.) R. Knuth	Árvore	70008
Loranthaceae	<i>Struthanthus pterygopus</i> Mart.	Hemiparasita	70040
	<i>Struthanthus syringifolius</i> (Mart.) Mart.	Hemiparasita	69992
Malpighiaceae	<i>Byrsonima sericea</i> DC.	Árvore	69923
	<i>Byrsonima</i> sp.	Árvore	69849
	<i>Heteropterys nordestina</i> Amorim	Trepadeira	70030
Malvaceae	<i>Abutilon scabridum</i> K. Schum.	Arbusto	69880
	<i>Luehea paniculata</i> Mart.	Árvore	69858
	<i>Malachra helodes</i> Mart.	Arbusto	69988
	<i>Pavonia martii</i> Colla	Herbácea	69985
	<i>Sida salzmannii</i> Monteiro	Subarbusto	69987
Meliaceae	<i>Trichilia elegans</i> A. Juss.	Árvore	70027
	<i>Trichilia</i> sp.	Árvore	70028
Moraceae	<i>Ficus gomelleira</i> Kunth. & C.D. Bouché	Árvore	69994
	<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) Burger	Arbusto	69860
Myrtaceae	<i>Calycorectes</i> sp.	Árvore	69971
	<i>Calyptanthes</i> sp.	Arbusto	69973
	<i>Eugenia</i> sp.1	Árvore	69957
	<i>Eugenia</i> sp.2	Arbusto	69962
	<i>Eugenia</i> sp.3	Árvore	69963
	<i>Myrceugenia</i> sp.	Árvore	69965
	<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.	Árvore	69961
	<i>Psidium oligospermum</i> DC.	Subarbusto	70049
	<i>Psidium sartorianum</i> (Berg) Nied.	Árvore	69972
Olacaceae	<i>Heisteria perianthomega</i> (Vell.) Sleumer	Arbusto	70022
Orchidaceae	<i>Campylocentrum micranthum</i> Rolfe	Epífita	69914
	<i>Vanilla palmarum</i> Lindl.	Trepadeira	69915
Passifloraceae	<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	Trepadeira	69876
	<i>Passiflora galbana</i> Mast.	Trepadeira	69878
	<i>Passiflora setacea</i> DC.	Trepadeira	69875
Phytolaccaceae	<i>Microtea paniculata</i> Moq.	Herbácea	69866
Piperaceae	<i>Peperomia circinnata</i> Link.	Epífita	69956
Poaceae	<i>Olyra latifolia</i> L.	Herbácea	70021
Polygalaceae	<i>Polygala martiana</i> A.W. Benn.	Herbácea	69850
Polygonaceae	<i>Coccoloba laevis</i> Casar.	Árvore	69967
Rubiaceae	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.	Arbusto	69906
	<i>Emmeorrhiza umbellata</i> (Spreng.) K. Schum.	Trepadeira	69908
	<i>Genipa americana</i> L.	Árvore	69905
Rubiaceae	<i>Randia</i> sp.	Arbusto	69910
Rutaceae	<i>Conchocarpus heterophyllus</i> (A.St.-Hil.) Kallunki & Pirani	Arbusto	69920
	<i>Metrodorea maracasana</i> Kaastra	Arbusto	69919
	<i>Pilocarpus riedelianus</i> Engl.	Árvore	69917
Salicaceae	<i>Casearia arborea</i> (Rich.) Urb.	Árvore	69990
	<i>Casearia</i> sp.	Árvore	69989
Sapindaceae	<i>Allophylus sericeus</i> (Cambess.) Radlk.	Árvore	69856
	<i>Paullinia racemosa</i> Wawra	Trepadeira	70017
	<i>Paullinia revoluta</i> Radlk.	Trepadeira	69861
	<i>Serjania lethalis</i> A. St.-Hil.	Trepadeira	69931

Tabela 2 (Continuação)

Famílias	Espécies	Hábito	Nº ALCB
	<i>Serjania racemosa</i> Wawra	Trepadeira	69929
Sapotaceae	<i>Pradosia lactescens</i> (Vell.) Radlk.	Árvore	69986
Solanaceae	<i>Solanum</i> sp.1	Arbusto	69943
	<i>Solanum stipulaceum</i> Roem. & Schult.	Subarbusto	69927

Tabela 3. Dez famílias com maior número de espécies na Mata do Pomar/ Elísio Medrado e Fazenda Acaju/Amargosa, comparadas com seis outras áreas de Floresta Estacional Semidecídua: Itatinga, SP (IVANAUSKAS *et al.*, 1999), Rio Lençóis, Lençóis, BA (FUNCH, 1997), Ribeirão Cachoeira, SP (SANTOS & KINOSHITA, 2003), Estação Ecológica do Tapacurá, PE (ANDRADE & RODAL, 2004) e Serra Grande, AL (GRILLO *et al.*, 2006).

Elísio Medrado (BA)	Amargosa (BA)	Itatinga (SP)	Lençóis (BA)	Ribeirão Cachoeira (SP)	Estação Tapacurá (PE)	Serra Grande (AL)
Fabaceae (13)	Fabaceae (17)	Myrtaceae (16)	Myrtaceae (17)	Fabaceae (30)	Fabaceae (14)	Fabaceae (13)
Sapindaceae (9)	Myrtaceae (9)	Fabaceae (9)	Fabaceae (11)	Myrtaceae (14)	Myrtaceae (10)	Lauraceae (7)
Euphorbiaceae (6)	Malvaceae (5)	Lauraceae (8)	Melastomataceae (7)	Rutaceae (14)	Sapindaceae (6)	Sapotaceae (7)
Rubiaceae (6)	Sapindaceae (5)	Euphorbiaceae (6)	Euphorbiaceae (7)	Solanaceae (9)	Euphorbiaceae (4)	Moraceae (5)
Solanaceae (6)	Asteraceae (4)	Rubiaceae (4)	Apocynaceae (4)	Rubiaceae (8)	Lecythidaceae (4)	Chrysobalanaceae (4)
Myrtaceae (5)	Bignoniaceae (4)	Anacardiaceae (3)	Rubiaceae (4)	Euphorbiaceae (7)	Rubiaceae (4)	Clusiaceae (4)
Boraginaceae (4)	Euphorbiaceae (4)	Myrsinaceae (3)	Celastraceae (3)	Lauraceae (7)	Sapotaceae (4)	Apocynaceae (3)
Apocynaceae (3)	Rubiaceae (4)	Sapindaceae (3)	Chrysobalanaceae (3)	Meliaceae (7)	Apocynaceae (3)	Burseraceae (3)
Asteraceae (3)	Boraginaceae (3)	Symplocaceae (3)	Clusiaceae (3)	Moraceae (7)	Moraceae (3)	Lecythidaceae (3)
Bromeliaceae (2)	Malpighiaceae (3)	Annonaceae (3)	Rutaceae (3)	Boraginaceae (5)	Malvaceae (3)	Rubiaceae (3)
Total	57	58	58	62	108	55

Tabela 4. Índice de Similaridade florística de Sørensen (S_0), calculados entre o presente levantamento e outros levantamentos de espécies arbustivo-arbóreas realizados em áreas de Floresta Estacional Semidecídua. N= Número de espécies arbustivo-arbóreas; c_1 =número de espécies em comum com o fragmento 1; c_2 =número de espécies em comum com o fragmento 2; S_{0_1} = Índice de Similaridade de Sørensen para o fragmento 1 e S_{0_2} = Índice de Similaridade de Sørensen para o fragmento 2; Referências ordenadas por valores decrescentes de S_{0_1} .

Local	Referência	Altitude média	N	c_1	c_2	S_{0_1}	S_{0_2}
Estação Ecológica do Tapacurá, PE	ANDRADE & RODAL (2004)	140	85	9	5	0,12	0,06
Serra Grande, AL	GRILLO <i>et al.</i> (2006)	600	84	6	6	0,09	0,09
Rio Lençóis, Lençóis, BA	FUNCH (1997)	600	56	2	3	0,04	0,06
Ribeirão Cachoeira, SP	SANTOS & KINOSHITA (2003)	695	175	5	3	0,04	0,02
Itatinga, SP	IVANAUSKAS <i>et al.</i> (1999)	580	97	2	2	0,02	0,02

SMITH *et al.* (2008) como indicadora de padrões da diversidade das angiospermas no domínio da Mata Atlântica. Entretanto, SOARES-FILHO (2000) sugere que a alta riqueza pode estar associada a um número elevado de espécies que apresentam baixa produção de madeira de boa qualidade, o que teria interferido positivamente na dinâmica populacional desta família.

A maioria das espécies de Rubiaceae, Acanthaceae e Poaceae apresentaram as formas subarborescentes e

herbáceas, corroborando com o encontrado por UDULUTSCH *et al.* (2004). Os hábitos epífita e hemiepífita pouco se destacaram no conjunto da vegetação, enquanto as trepadeiras foram abundantes, sendo Bignoniaceae e Sapindaceae as mais significativas em número de espécies. Estes resultados corroboram com outros levantamentos realizados em Florestas Estacionais Semidecíduas (HORA & SOARES, 2002; UDULUTSCH *et al.*, 2004; TIBIRIÇA *et al.*, 2006). Além disso, observou-se uma maior abundância de

trepadeiras no fragmento 2. Segundo OLIVEIRA-FILHO *et al.* (1997) e LIMA *et al.* (1997), altas densidades de trepadeiras estão relacionadas a áreas degradadas ou sob grande incidência de luz, tais como fragmentos florestais e bordas.

A presença de lianas em fragmentos florestais gera discussões em relação à sua importância. Segundo PUTZ (1984), a manutenção do fragmento é decorrente da invasão das lianas, uma vez que estas interferem na regeneração da comunidade arbórea e aumentam a quantidade de queda de árvores. MORELLATO & LEITÃO-FILHO (1996) argumentam que as lianas apresentam interações positivas com a comunidade arbórea por apresentarem um padrão fenológico complementar que possibilita a oferta constante de suplemento alimentar para a fauna. Para OLIVEIRA-FILHO *et al.* (1997), em fragmentos florestais as trepadeiras podem ter uma influência na dinâmica e na estrutura hierárquica da comunidade maior que o efeito de borda. UDULUTSCH *et al.* (2004) sugeriram que o grande número de espécies de lianas pode ser um padrão das Florestas Estacionais Semidecíduais no Estado de São Paulo. Para verificar se esse padrão se estende para as Florestas Estacionais Semidecíduais no Estado da Bahia, mais estudos serão necessários, embora SOARES-FILHO (2000) cite uma elevada densidade de lianas para a região de Vitória da Conquista.

A maioria das espécies amostradas no presente estudo é de ampla distribuição no Estado, ou seja, são espécies encontradas em praticamente todos os tipos de formações florestais. JARENKOW & WÄECHTER (2001) ressaltam a importância das espécies de grande amplitude ecológica nas matas estacionais do sul do Brasil. Destacam-se em ambos os fragmentos estudados *Cordia trichotoma* (Boraginaceae), árvore característica da floresta pluvial da região Sul da Bahia e Norte do Espírito Santo; e *Solanum polytrichum* (Solanaceae, Fig. 1 B), com distribuição também na região Sul da Bahia e Norte do Espírito Santo. Há ainda espécies como *Allophylus edulis* (Sapindaceae), *Dalbergia foliolosa* e *D. frutescens* (Fabaceae), *Davilla rugosa* (Dileniaceae), *Guapira opposita* (Nyctaginaceae), *Sorocea*

bomplandii (Moraceae) e *Tapirira guianensis* (Anacardiaceae), citadas também para a região de Minas Gerais (WERNECK *et al.*, 2000), Rio Grande do Sul (JURINITZ & JARENKOW, 2003) e São Paulo (IVANAUSKAS, 1997; HORA & SOARES, 2002; SILVA & SOARES, 2002).

Os fragmentos estudados apresentaram um baixo índice de similaridade tanto de Sørensen (0,21) quanto de Jaccard (0,11). Quando comparados a outros levantamentos (Tabela 4), os valores do índice de Sørensen foram ainda mais baixos, variando de 0,02 a 0,12. Estes números são corroborados pelos estudos de PAGANO *et al.* (1995) e PEIXOTO *et al.* (2003), que atribuem a baixa similaridade entre as diferentes áreas da Floresta Atlântica à heterogeneidade florística, bem como às variações climáticas, altitudinais e edáficas.

Quanto à estrutura vegetacional, observa-se a seguinte distribuição percentual de espécies amostradas em cada categoria nos fragmentos 1 e 2, respectivamente: árvores 53% e 43%; arbustos, arvoretas e subarbustos 26% e 26%; ervas 9% e 7%; trepadeiras 10% e 20%; epífitas e hemiparasitas 2% e 4%. É evidente o predomínio das espécies arbóreas e arbustivas. Resultado semelhante também foi obtido em Macaé de Cima, Rio de Janeiro (LIMA & GUEDES-BRUNI, 1994) e em Pariquera-Açu, São Paulo (IVANAUSKAS, 1997). Apesar das diferenças metodológicas dos trabalhos comparados, que influenciam na avaliação da riqueza de espécies (MARTINS, 1991), observa-se que, na categoria arbóreo-arbustiva, encontram-se mais de 50% da riqueza florística do Domínio Atlântico. A outra porção é assumida pelas demais categorias, que também não são menos importantes na manutenção da biodiversidade desse ecossistema (IVANAUSKAS, 1997).

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem ao Dr. Luciano Paganucci de Queiroz pelo auxílio na identificação das Fabaceae; à Dra. Nádia Roque e aos revisores anônimos pelas sugestões no manuscrito.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE KVSA & MJN RODAL. 2004. Fisionomia e estrutura de um remanescente de floresta estacional semidecidual de terras baixas no nordeste do Brasil. *Rev. Bras. Bot.* 27(3): 463-474.
- APGII. Angiosperm Phylogeny Group. 2003. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. *Bot. J. Linn. Soc.* 141: 399-436.
- BROWER JE & JH ZAR. 1984. *Field and laboratory methods for general ecology*. Dubuque: WmC Publishers.
- BRUMMIT RK & MCE POWELL. 1992. *Authors of plants names*. London: Royal Botanic Gardens, Kew.
- CÂMARA IG. 1983. Tropical moist forest conservation in Brazil, p 413-421. *In*: SL SUTTON, TC WHITEMORE & AC CHADWICK (eds.). *Tropical rain forest: ecology and management*. Oxford: Blackwell Scientific Publications.
- CARVALHO FA, JMA BRAGA, JML GOMES, JS SOUZA & MT NASCIMENTO. 2006. Comunidade arbórea de uma floresta de baixada aluvial no município de Campos dos Goytacazes, RJ. *Cerne* 12(2): 157-166.
- FUNCH LS. 1997. *Composição florística e fenologia de mata ciliar e mata de encosta, adjacentes ao rio Lençóis, Lençóis, BA*. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Tese de Doutorado.
- FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. 2002. *Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica no período de 1995-2000: relatório final*. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica.
- GRILLO A, MA MARCONDES & M TABARELLI. 2006. Árvores, p. 191-216. *In*: M TABARELLI, K. PÔRTO & JS ALMEIDA-CORTEZ. (Org.). *Diversidade e conservação da Floresta Atlântica ao Norte do Rio São Francisco*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente.

- GUEDES MLS. 1992. **Estudo florístico e fitossociológico de um trecho da Reserva Ecológica da mata de Dois Irmãos Recife, PE**. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. MSc. diss.
- GUEDES MLS, MA BATISTA, M RAMALHO, HMB FREITAS & EM SILVA. 2005. Breve incursão sobre a biodiversidade, p. 39-92. In: CSR FRANKE, PLB ROCHA, W KLEIN & SL GOMES (eds.). **Mata Atlântica e Biodiversidade**. Salvador: EDUFBA.
- HORA RC & JJ SOARES. 2002. Estrutura fitossociológica da comunidade de lianas em uma Floresta Estacional Semidecidual na Fazenda Canchim, São Carlos, SP. **Rev. Bras. Bot.** 25(3): 323-329.
- IVANAUSKAS NM. 1997. **Caracterização florística e fisionômica da Floresta Atlântica sobre a Formação Pariquera-Açu, na zona da Morraria Costeira do estado de São Paulo**. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. MSc. diss.
- IVANAUSKAS NM, RR RODRIGUES & AG NAVE. 1999. Fitossociologia de um trecho de Floresta Estacional Semidecidual em Itatinga, São Paulo, Brasil. **Scientia Forestalis** 56: 83-99.
- JARENKOW JA & JL WAECHTER. 2001. Composição, estrutura e relações florísticas do componente arbóreo de uma floresta estacional no Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev. Bras. Bot.** 24(3): 263-272.
- JURINITZ CF & JA JARENKOW. 2003. Estrutura do componente arbóreo de uma Floresta Estacional na Serra do Sudeste, Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev. Bras. Bot.** 26(4): 475-487.
- LEITÃO-FILHO HF. 1987. Considerações sobre a florística de florestas tropicais e sub-tropicais do Brasil. **IPEF** 35: 41-46.
- LEWIS GP. 1987. **Legumes of Bahia**. London: Royal Botanic Gardens, Kew.
- LIMA MPM & RR GUEDES-BRUNI (Orgs.). 1994. **Reserva Ecológica de Macaé de Cima: Nova Friburgo - RJ: aspectos florísticos das espécies vasculares. Vol. 1**. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro.
- LOMANTO-NETO R. 2002. **Caracterização da degradação e resposta de pastagens com *Brachiaria decumbens* Stapf., à interação N:P na região de Amargosa, BA**. Universidade Federal da Bahia, Cruz das Almas. MSc. diss.
- MARTINS FR. 1991. **Estrutura de uma floresta mesófila**. Campinas: Editora da UNICAMP.
- MANTOVANI W. 2003. Delimitação do bioma Mata Atlântica: implicações legais e conservacionistas, p. 287-295. In: V CLAUDINO-SALES (org.). **Ecosistemas brasileiros: manejo e conservação**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora.
- MORELLATO LPÑ & CFB HADDAD. 2000. Introduction: The Brazilian Atlantic Forest. **Biotropica** 32(4b): 786-792.
- MORELLATO PÑ & HF LEITÃO-FILHO. 1996. Reproductive phenology of climbers in a Southeastern Brazilian Forest. **Biotropica** 28(2): 180-191.
- MORI SA, BM BOOM, AMV CARVALHO & TS SANTOS. 1983. Southern Bahian moist forests. **The Botanical Review** 49: 155-232.
- MUELLER-DOMBOIS D & H ELLENBERG. 1974. **Aims and methods of vegetation ecology**. New York: John Wiley and Sons.
- MURRAY-SMITH C, NA BRUMMITT, AT OLIVEIRA-FILHO, S BACHMAN, J MOTA, EM LUGHADHA & EJ LUCAS. 2008. Plant diversity hotspots in the Atlantic coastal forests of Brazil. **Conserv. Biol.** 23(1): 151-63.
- MYERS N, RA MITTERMEIER, CG MITTERMEIER, GAB FONSECA & J KENT. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature** 403: 845-853.
- NEVES MLC. 2005. **Caracterização da vegetação de um trecho de Mata Atlântica de Encosta na Serra da Jibóia, Bahia**. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana. MSc. diss.
- OLIVEIRA-FILHO AT. 2006. **Catálogo das árvores nativas de Minas Gerais: mapeamento e inventário da flora nativa e dos reflorestamentos de Minas Gerais**. Lavras: Editora UFLA.
- OLIVEIRA-FILHO AT & MAL FONTES. 2000. Patterns of floristic differentiation among Atlantic Forests in Southeastern Brazil and the influence of climate. **Biotropica** 32(4b): 793-810.
- PAGANO SN, HF LEITÃO-FILHO & O CAVASSAN. 1995. Variação temporal da composição florística e estrutura fitossociológica de uma floresta mesófila semidecidual – Rio Claro, SP. **Rev. Bras. Biol.** 55(2): 241-258.
- PEIXOTO GL, SV MARTINS, AF SILVA & E SILVA. 2004. Composição florística do componente arbóreo de um trecho de Floresta Atlântica na Área de Proteção Ambiental da Serra da Capoeira Grande, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **Acta Bot. Bras.** 18(1): 151-160.
- PRIMACK RB & E RODRIGUES. 2002. **Biologia da conservação**. Londrina: Editora Planta.
- PUTZ FE. 1984. The natural history of lianas on Barro Colorado Island, Panamá. **Ecology** 65(6): 1713-1724.
- QUEIROZ LP. 2009. **Leguminosas da Caatinga**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana.
- QUEIROZ LP, TSN SENA & MJSL COSTA. 1996. Flora vascular da Serra da Jibóia, Santa Terezinha-Bahia. I: o campo rupestre. **Sitientibus** 15: 27-40.
- REIS A, RM ZAMBONIM & EM NAKAZONO. 1999. **Recuperação de áreas florestais degradadas utilizando a sucessão e as interações planta-animal**. Série Cadernos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica Caderno N° 14 - Série Recuperação. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo.
- SANTOS K & LS KINOHITA. 2003. Flora arbustivo-arbórea do fragmento de Floresta Estacional Semidecidual do Ribeirão Cachoeira, município de Campinas, SP. **Acta Bot. Bras.** 17(2): 325-341.
- SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DO ESTADO DA BAHIA. 2001. **Dados geográficos do município de Amargosa**. Disponível online em: <<http://www.sei.ba.gov.br>>. Acesso em: 12. jun. 2006.
- SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DO ESTADO DA BAHIA. 2003. **Mapa de pluviometria do Estado da Bahia**. Disponível online em: <<http://www.sei.ba.gov.br>>. Acesso em: 12. jun. 2006.
- SILVA LA & JJ SOARES. 2002. Levantamento Fitossociológico em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual, no município de São Carlos, SP. **Acta Bot. Bras.** 16(2): 205-216.
- SOARES-FILHO AO. 2000. **Estudo fitossociológico em uma região de duas florestas ecotonal no planalto de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil**. Universidade de São Paulo, São Paulo. MSc. diss.
- SOBRINHO JGC & LP QUEIROZ. 2005. Composição florística de um fragmento de Mata Atlântica na Serra da Jibóia, Santa Terezinha, Bahia, Brasil. **Sitientibus ser. Ci. Biol.** 5(1): 20-28.
- TABARELLI M, LP PINTO, JMC SILVA, MM HIROTA & LC BEDÊ. 2005. Desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica brasileira. **Megadiversidade** 1(1): 132-138.
- TIBIRIÇA YJA, LFM COELHO & LC MOURA. 2006. Florística de lianas em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual, Parque Estadual de Vassununga, Santa Rita do Passa Quatro, SP. **Acta Bot. Bras.** 20(2): 339-346.
- UDULUTSCH RG, MA ASSIS & DG PICCHI. 2004. Florística de trepadeiras numa Floresta Estacional Semidecidual, Rio Claro - Araras, estado de São Paulo, Brasil. **Rev. Bras. Bot.** 27(1): 125-134.
- VALENTE EB & KC PORTO. 2006. Hepáticas (Marchantiophyta) de um fragmento de Mata Atlântica na Serra da Jibóia, Município de Santa Teresinha, BA, Brasil. **Acta Bot. Bras.** 20(2): 433-441.
- VELOSO HP & L GOES-FILHO. 1982. **Fitogeografia brasileira, classificação fisionômico-ecológica da vegetação neotropical**. Bol. Téc. Projeto RADAMBRASIL. Série Vegetação N°1. Salvador: IBGE.
- WERNECK MS, G PEDRALLI, R KOENIG & LF GISEKE. 2000. Florística e estrutura de três trechos de uma Floresta Semidecidual na Estação Ecológica do Tripuí, Ouro Preto, MG. **Rev. Bras. Bot.** 23(1): 97-106.